**A DIFICULDADE DE MULHERES COM INSEGURANÇA FINANCEIRA DENTRO DO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL[[1]](#footnote-9617)**

ROSO, Manuela dos Santos[[2]](#footnote-2390)

WANDERLEI, Maria Luiza Mendonça[[3]](#footnote-13078)

**Resumo:**

Este artigo tem como objetivo analisar e refletir sobre a atuação da parcela de mulheres mais pobres no Brasil dentro do mercado de trabalho. Enfatiza sobre os diferentes fatores e motivos que determinam e contribuem para suas realidades, sendo desde a discriminação que ocorre contra as mulheres no geral até aspectos socioeconômicos dentro da sociedade, tais quais influenciam para o comportamento social e profissional delas. Procura também comparar as situações entre diferentes classes sociais, raças e, sobretudo, gêneros, para pontuar as diferentes realidades dentro do mercado de trabalho e, portanto, evidenciar as dificuldades e problemas passados por essa parcela de mulheres.

**Palavras-chaves:** mulheres, pobreza, mercado de trabalho, classes sociais, desigualdade de gênero.

**Abstract:**

This article aims to analyze and reflect on the performance of the poorest women in Brazil within the labor market. It emphasizes the different factors and reasons that determine and create their realities, ranging from the occurrence that occurs against women in general to socioeconomic aspects within society, such that they influence their social and professional behavior. It also seeks to compare situations between different social classes, races and, above all, genders, to point out the different realities within the labor market and, therefore, highlight the difficulties and problems experienced by this portion of women.

**Keywords:** women, poverty, labor market, social classes, gender inequality.

**Introdução:**

Diante do machismo e preconceito existente na sociedade atual, atribuindo assim grandes dificuldades para as mulheres. Assim, foram feitas pesquisas em diversos autores para analisar a atividade e estabelecimento da parcela feminina no Brasil, em especial as mulheres em maior vulnerabilidade social, menos privilegiadas economicamente, dentro do mercado de trabalho. Entende-se que as dificuldades já presentes na parcela de pessoas mais vulneráveis economicamente se intensifica nas mulheres deste grupo, em razão da diferença sexual existente nas instituições da sociedade, como no mercado de trabalho. Além disso, muitos brasileiros estão abaixo da linha da pobreza, reforçando a necessidade de dados e pesquisas sobre tais mulheres e suas realidades.

Inicialmente, entende-se que para este grupo as dificuldades de estabilização no mercado de trabalho se dão em razão da falta de escolarização dessas mulheres e necessidade de cuidar de trabalhos domésticos e da família que não as permite empregos qualificados e tempo para se qualificarem e se dedicarem ao trabalho. No entanto, ainda é presumível que a segregação por cor, renda, cidadania ou da própria genealogia das pessoas, no que tange as oportunidades e condições de vida que os pais puderam prover, contribuem para essas dificuldades, de maneira que apresentá-las e estudá-las são essenciais. Portanto, a noção de que as mulheres que estão em segregações por cor, renda e gênero são as mais prejudicadas na sociedade e no mercado de trabalho por serem alvo de mais preconceitos promove a necessidade de uma pesquisa para o entendimento de suas realidades. Uma pesquisa com, por exemplo, a comparação entre mulheres negras e brancas e suas devidas relações com o mercado de trabalho por meio de dados.

Ademais, a importância do entender o passado e o processo histórico sobre a luta das mulheres e como eram vistas e tratadas é essencial para averiguar os dados e acontecimentos atuais. Não somente das mulheres, mas entender a situação do proletariado e do negro no passado do Brasil se mostra igualmente importante. Por exemplo, a interpretação histórica de como a subordinação das mulheres perante o homem se construiu nas instituições da sociedade nos ajuda a entender a diferença sexual no trabalho que há atualmente, no que tange a salários, bipolarização dos trabalhos, qualificação das mulheres e a própria entrada delas no mercado de trabalho.

Por fim, diante de tais averiguações, determinamos como nosso objetivo principal analisar as dificuldades enfrentadas pela população feminina mais desfavorecida economicamente no mercado de trabalho brasileiro, e identificar quais são os principais motivos pelos quais elas se mantêm instabilizadas nessa situação. Diante disso, os objetivos específicos definidos foram:

1° Investigar as razões históricas que contribuem para a dificuldade feminina em geral na sociedade e analisar quais grupos de mulheres na pirâmide social possuem maior desvantagem.

2° Comparar a situação de mulheres pertencentes a classes sociais distintas no que tange à entrada no mercado de trabalho.

3° Identificar os motivos pelos quais as mulheres menos favorecidas economicamente têm dificuldade de adentrar o mercado de trabalho e de se estabilizar nele.

**Metodologia:**

Em busca de entender e analisar a parcela de mulheres brasileiras em situações mais periféricas e suas atuações no mercado de trabalho, serão feitas pesquisas bibliográficas em busca de dados diversos, conforme a listagem a seguir:

1. Repertório histórico a partir de livros, artigos, pesquisas e demais referências bibliográficas que compartilharão experiências das lutas e conquistas femininas no Brasil e no mundo, assim como as divergências entre diferentes classes sociais que diferem as pessoas, mesmo que em igual coletivo como é caso do público feminino, dentro da sociedade.
2. Fatos sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho e em demais áreas que interferem e influenciam a empregabilidade e estabilização delas, de modo a obter comparações entre o público feminino e masculino nesse setor e entre diferentes classes de mulheres, e a especificar a situação da determinada parcela da sociedade a ser analisada por meio de pesquisas.

**Resultados e Discussão**

**A história da luta feminina por um espaço no mercado de trabalho**

A longa jornada das mulheres pela busca de um espaço no mercado de trabalho permanece até os dias de hoje, de modo a enfrentarem problemas para adentrá-lo que refletem o passado e costumes os quais a sociedade ponderava sobre as mulheres e que persistem até hoje.

Em primeiro lugar, a história da evolução da humanidade se concentra na dominação do homem sobre a natureza para que construísse uma civilização avançada e concentrada de poder. No entanto, a mulher foi afastada desse avanço e construção o que resultou em uma sociedade masculina e machista e que ela estivesse em uma relação de dependência e subordinação perante o homem. Sua única importância era na reprodução. Enquanto o homem fazia os valores da civilização baseados na competitividade, eficiência, razão e poder a mulher foi presa e confinada ao lar com valores considerados irracionais e sentimentais das emoções, relações pessoais e da própria casa e família, de forma que é ainda perceptível na parcela masculina mundial a falta de tais valores mais sentimentais. Assim, a luta para que a mulher possuísse um espaço tão importante quanto o masculino na sociedade começa, com diferentes progressos, porém ainda muito desiguais.

*(Gazzola e Azambuja, 2000, p. 3) “Para isso, ela precisou se introduzir e se incorporar nesse modelo de sociedade masculina, necessitando adaptar-se a ele. A mulher ingressou no processo dito produtivo, no mundo do trabalho essencialmente masculino. E ela demonstrou e provou sua capacidade.”*

Durante a Revolução industrial, houve início da incorporação da mulher no âmbito do trabalho. No entanto, tal processo resultou em mais explorações e discriminações para elas, em que possuíam o lar e família para cuidar e suas longas jornadas de trabalho, más condições, e baixos salários nas fábricas. Assim, não houve mudanças com a intenção de emancipar a mulher, mas com a de transformá-la em mais um tipo de mercadoria.

Um dos grandes marcos para a mudança de visão da sociedade sobre o trabalho da mulher foi durante a Segunda Guerra Mundial, que conseguiu alterar a visão de que a mulher deveria estar somente em casa, como é citado por Diemer (2020). No século XX a necessidade da mulher de parar trabalhar para sustentar sua família e sua própria nação reinou sobre a população que atribuiu a mulheres cargos como engenheiras, motoristas de tanques e caminhões, operárias nas fábricas de armamentos, enfermeiras e até mesmo soldados, sendo algumas até mesmo reconhecidas pelos seus trabalhos como Krystyna Skarbek e Lyudmila Pavlichenko.

Além disso, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, as mulheres ao longo de sua busca pela independência fizeram diversas manifestações e greves para adquirirem seus direitos. Entre essas greves surgiu um movimento de trabalhadoras de uma fábrica de fósforo, chamada Bryant & May, em Londres, 1888. Por mais que não tenha ocorrido no Brasil, a greve dessas trabalhadoras contribuiu para que mulheres pudessem ter melhores condições de trabalho. Tudo começou quando a ativista Annie Besant publicou um artigo alertando sobre as condições de trabalho nas fábricas de fósforo, onde mulheres mexiam com um produto químico tóxico, recebiam salários baixíssimos e trabalhavam em situações precárias. Após o artigo de Anne ser publicado, várias fábricas já proibiam o uso do fósforo branco, mas a Grã-bretanha não. Com isso a fábrica fez as mulheres assinarem um documento negando as alegações feitas no artigo de Anne, mas elas se recusaram a assinar e assim 1400 operárias entraram em greve, realizando protesto em frente às instalações da empresa.

Já no Brasil com o trabalho de máquinas intensificado, em 1932, surge uma nova constituição depois da Revolução de 32, que assegurou que mulheres recebessem salário igual ao dos homens, sem distinção de sexo, e a mudança da carga horária feminina de trabalho, também estabelecendo algumas leis para mulheres grávidas:

*“sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez.”*

Apesar da nova constituição da época, muitas desigualdades ainda eram acentuadas, como a diferença salarial entre homens e mulheres, em que, para a sociedade, a mulher deveria ser sustentada pelo homem e que, portanto, não tinha a necessidade de trabalhar. Assim, sendo tal pensamento como resultado de uma antiga manutenção da sociedade, em que a mulher não era apenas sustentada pelo homem, mas mantinha uma relação de subordinação perante a ele também.

Por fim, o crescente aumento da participação das mulheres dentro do mercado de trabalho nas últimas décadas. Alguns fatores explicam esse aumento, como: 1) a globalização cultural e consequentemente econômica e financeira que movem as mulheres para outros espaços empregáveis e qualificantes, enquanto pessoas independentes e aspirantes para a autorrealização. 2) A bipolarização dos empregos em que houve a “necessidade” de as mulheres estarem em determinados trabalhos pelos homens, como atendentes, empregadas domésticas, secretárias e outros. No entanto, é importante ressaltar que tal “necessidade” desses empregos não é totalmente favorável às mulheres visto que são trabalhos pouco qualificantes, e que perduram até hoje, fazendo com que as profissões mais valorizadas e renumeradas fiquem para os homens. Para Souza-Lobo, *“Os empregos criados são, entretanto, marcados pela vulnerabilidade e a precariedade.”* 3) Por fim, a crescente desestabilização e informalidade dos empregos no Brasil por volta de 1990 também as ajudou a entrarem no mercado de trabalho, porém, em situações precárias, como já dito antes. Outros fatores também podem ser associados ao aumento da profissionalização da mulher como a queda da taxa de fecundidade, aumento da escolarização e o desejo de independência econômica.

No entanto, mesmo com a crescente ascensão das mulheres no mercado de trabalho, muitas visões e hábitos da sociedade perante as mulheres continuaram, em razão das condições em que as mulheres puderam ocupar seus cargos.

*(Souza-Lobo, 1991, p. 16) “Neste contexto, mudanças significativas ocorreram no emprego da mão de obra feminina, apesar da permanência de seu status como “mão de obra secundária” (Abramo, 2007)”*

Porém, apesar do aumento da empregabilidade feminina, ainda existem alguns problemas notáveis tanto na forma como as mulheres puderam se qualificar, quanto em problemas atuais. Por exemplo, vemos que em razão da bipolarização das profissões, segundo dados do PNAD de 2009, sete milhões e duzentas mil têm um emprego doméstico, das quais quinhentas mil são homens e seis milhões e setecentos são mulheres. Além disso, em razão da maior empregabilidade das mulheres, houve uma ascensão na mercantilização de trabalhos tradicionalmente delegados às mulheres em uma família, trabalhos gratuitos e feitos por amor ao lar: o cuidado e carinho da casa, das crianças e filhos, dos doentes, idosos, e da família como um todo.

No entanto, mesmo com o aumento feminino no mercado de trabalho, ainda é perceptível a secundarização da mulher, em seus salários, polos de profissões e qualificações, em razão do passado das instituições da sociedade que a tratavam como submissa, sustentada e que somente exercia o trabalho reprodutivo. Além disso, apesar do grande espaço em que as mulheres têm ocupado nas diferentes profissões, segundo o PNAD/IBGE, a proporção entre mulheres que procuram ser ou estão empregadas ainda é inferior aos homens, em que, em 2008, enquanto 57,6% das brasileiras participavam do mercado de trabalho, 80,5% dos homens estavam na mesma situação.

*(Santos, 2008) “No Brasil, a situação da mulher no mundo do trabalho revela-se marcada por elementos de continuidade e mudanças. Os fatores de continuidade expressam- se na concentração das mulheres em empregos de menor remuneração no setor de serviços e particularmente no segmento informal e mais desprotegido do mercado de trabalho. De outro lado, como expressão de mudanças, aumentou a participação de mulheres em ocupações não-manuais de melhor remuneração, em cargos de comando, profissões de prestígio e mesmo como proprietárias de negócios no comércio e em serviços. As discrepâncias de gênero de rendimentos persistem, apesar do progresso ocupacional, sendo que as diferenças de ganhos não podem ser atribuídas a diferenças em termos de números de horas trabalhadas e escolaridade, devendo ser creditadas aos processos de discriminação (Bruschini, 2000). Estudo dos efeitos da composição por gênero das ocupações sobre os salários mostra que persiste no Brasil uma penalidade salarial para aqueles que estão inseridos em ocupações tipicamente femininas, sendo que essa penalidade se mostra mais forte para as mulheres do que para os homens.”*

**A segregação racial entre as mulheres no mercado de trabalho**

E não somente na polarização dos empregos entre homens e mulheres, também houve a polarização dos trabalhos entre as próprias mulheres. Apesar da luta e da jornada da parcela feminina no Brasil e no mundo em busca de direitos mais igualitários, a segregação entre as próprias mulheres em decorrência de outros preconceitos e problemas dentro da sociedade causa uma hierarquia e desfavorecimento entre elas. Nesse sentido, é possível perceber que a característica que une as mulheres como minorias na sociedade são os aspectos de vida da mulher e do homem:

*(Agência IBGE) “As estatísticas de gênero devem refletir, segundo informações do Manual de Gênero da Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (United Nations Statistics Division - UNSD), as questões relacionadas aos aspectos da vida de mulheres e homens, incluindo as suas necessidades específicas, oportunidades ou contribuições para a sociedade.”*

E da mesma forma, é possível inferir que alguns aspectos da vida de diferentes mulheres podem também causar a segregação entre elas como renda, qualificação e cor, por exemplo. Em que as vivências de preconceitos de gênero e raciais, por exemplo, causam um peso maior para essas pessoas dentro da sociedade, e que, segundo a apostila Agência IBGE, espera, valoriza e permite ações diferentes entre brancos e negros, homens e mulheres.

*(Lavinas, 1996) “Existe um reconhecimento tácito de que sua situação e precaríssima com base grosso modo em dois parâmetros 1 - a dimensão racial e uma desvantagem comparativa para os grupos não brancos em razão do racismo e isso vai afetar sobremaneira as mulheres que já são um grupo social discriminado a partir do sexo isso multiplica as debilidades do subgrupo mulheres negras.”*

E, apesar de ser diferente da vivência do preconceito racial, por exemplo (em que o racismo se apresenta na estrutura da sociedade apesar de medidas na própria constituição contra isso), a pobreza também é uma dificuldade na vida dessas mulheres junto ao preconceito de gênero, no entanto, ela é um problema socioeconômico que não se mostra como um obstáculo a ser passado, mas como um impedimento de entrada no mercado de trabalho da maneira como gostariam (visto que muitas mulheres entraram precocemente nele, como, principalmente empregadas domésticas), pois não as permitem se qualificarem e se dedicarem a evoluírem nele. Porém é importante também ressaltar que a maioria da população pobre é preta ou parda (Segundo o PNAD, em uma pesquisa em 2020 com 12390 domicílios que estavam abaixo da linha da pobreza, 9123 tinham como responsáveis pretos ou pardos.).

*(Ávila e Pontes, 2012) “A partir da interpretação da narrativa das mulheres que ficaram muitos anos sem estudar, é possível observar que as circunstâncias atuantes que levaram a tão grande atraso em seu percurso escolar são demarcadamente repetitivas na experiência de muitas delas: os limites acadêmicos impostos pela concomitância trabalho e estudo noturno; a falta de incentivo por parte da família; a pressão psicológica (nem sempre explícita) do grupo de amigos, uma vez que muitos deles já haviam interrompido os estudos; e a entrada precoce no mundo do trabalho, em grande medida, pelo trabalho doméstico.”*

**As mulheres em distintas classes sociais no mercado de trabalho**

No Brasil, a classificação das classes sociais, de acordo com a renda familiar é dividida em: classe alta, classe média e classe baixa. As mulheres no Brasil estão inseridas nessa classificação, fazendo assim com que haja níveis elevados de desigualdade entre as mulheres, por classe e raça. Definido como segundo objetivo *“Comparar a situação de mulheres pertencentes a classes sociais distintas no que tange à entrada no mercado de trabalho”,* deve-se compreender como mulheres diferentes em termos de circunstâncias e experiências - por exemplo, de classe, raça e idade - estão situadas dentro das dinâmicas da desigualdade de gênero e sua inserção dentro do mercado de trabalho.

As conquistas e avanços legislativos permitiram uma maior participação feminina no mercado de trabalho, assegurando a sua contribuição ativa na economia e no desenvolvimento nacional. Entretanto, essas conquistas e legislações acabam não afetando as classes sociais mais baixas, principalmente quando tratado de mulheres.

Primeiramente, é notável que as mulheres estão em maiores condições de pobreza do que os homens, isso significa que são mais vulneráveis a ela. Segundo a Gazeta do Povo, as mulheres, em 2019, eram 108,4 milhões no Brasil, das quais 26,9 milhões eram pobres e 7,2 milhões eram extremamente pobres de um total de 51, 7 milhões de pobres e 13,7 milhões de pessoas em extrema pobreza.

As principais diferenças entre as classes sociais no Brasil que contribuem para a predominância da pobreza são a baixa escolaridade dessas pessoas e os trabalhos precários em que estão inseridos. Segundo o SIS, do IBGE, das 57,3 milhões de pessoas no Brasil que são sem instrução ou possuem o fundamental incompleto, 16,7 milhões estão em pobreza e 4,9 milhões estão em extrema pobreza. Das 57,2 milhões pessoas no Brasil com o médio completo e superior incompleto 9 milhões estão em pobreza e 1,9 milhões estão em extrema pobreza. Já das 24,8 milhões de pessoas no Brasil que possuem o ensino superior completo 0,6 milhões estão em pobreza e 0,2 milhões em extrema pobreza.

Além disso, dos 35,2 milhões de brasileiros com carteira de trabalho assinadas, 2,5 milhões são pobres e aproximadamente nenhum estão em pobreza extrema. E, de 14,5 milhões de pessoas sem carteira de trabalho assinada 3,4 milhões estão em pobreza e 0,5 milhões em extrema pobreza.

Assim, é possível inferir que a população feminina possui uma menor escolaridade e está incluída em mais trabalhos precários do que a população masculina no Brasil e que, são tais características que proliferam a predominância da pobreza no país que também difere as mulheres no que tange à entrada e estabilização no mercado de trabalho.

Portanto, a diferença entre as mulheres mais pobres e mais ricas se dá na necessidade de dinheiro e de cuidar da família, a qual as com insegurança financeira possuem desde cedo, onde não estudam e se qualificam para o mercado de trabalho em busca disso e costumam entrar precocemente nele, geralmente como empregadas domésticas. E, ao longo de suas vidas, permanecem em busca de cuidar do lar e do dinheiro, continuando sem nenhum tipo de qualificação e estando em uma espécie de ciclo, em que não evoluem no mercado de trabalho e permanecem com empregos informais e precários, que pouco qualificam essas mulheres, e que geralmente não são considerados intelectuais.

*(BBC Brasil, “Ex-empregada doméstica lança campanha nas redes sociais para denunciar abusos de patrões”, 2016) "Infelizmente, para nós, mulheres negras, ser empregada doméstica é algo hereditário. Minha mãe, minha tia e minha avó foram empregadas domésticas. Não é possível desassociar isso da nossa história de escravidão.”*

**A dificuldade de mulheres menos favorecidas economicamente dentro do mercado de trabalho**

Como foi concluído nas análises anteriores, mulheres com insegurança financeira que possuem desde cedo a necessidade de cuidar de sua família, por consequência detém uma escolaridade muito baixa ou nenhum acesso à educação e sem qualificação para adentrar ao mercado de trabalho, são um grupo de mulheres que enfrentam duplo desafio no mercado de trabalho, por serem mulheres e economicamente desfavorecidas.

Por consequência das dificuldades de desenvolvimento educacional e baixo nível técnico dessas mulheres, sua entrada no mercado de trabalho fica ainda mais difícil. Então, sujeitam-se a trabalhos que exigem menos qualificação. Logo, após conseguirem algum emprego ainda se situam em um baixo cargo, pois acabam entrando em um ciclo, onde sua renda supri somente o necessário para manter sua família, que no momento é seu foco principal e obrigatório, fazendo com que essa mulher não consiga um emprego melhor ou qualificar-se para outro cargo.

Tendo como seu foco principal a família, essas mulheres, que provavelmente são mães solos, (visto que nos lares mais pobres, o número de famílias chefiados por mulheres têm aumentado cada vez mais) elas precisam se submeter a cargas maiores de trabalho, e até mesmo ter diversos empregos para conseguir manter sua família. Por consequência, os filhos dessas mulheres acabam enfrentando desafios, podendo entrar no mesmo ciclo de sua mãe de baixa escolaridade e de trabalhos precários e pouco qualificados.

*(“Segundo Pesquisa Brasil tem mais de 20 milhões de mães solteiras”, CNM) “O Brasil tem 67 milhões de mães, segundo pesquisa do Instituto Data Popular. Dessas, 31% são solteiras e 46% trabalham. Com idade média de 47 anos, 55% das mães pertencem à classe média, 25% à classe alta e 20% são de classe baixa.”*

Uma importante obra da literatura brasileira, “O quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, mostra o ponto de vista de uma mulher favelada, abordando questões como fome, a condição da mulher, a situação do negro e os problemas sociais no país. O livro é formado por 20 diários, onde Carolina conta sobre sua vida como catadora de lixo e papel e moradora da favela, mostrando como a falta de dinheiro e de outro tipo de trabalho afetam sua vida. O livro conta exatamente como é a situação das dificuldades enfrentadas na favela, e como uma mãe solteira batalha para alimentar suas crianças e sobreviver em meio a sua condição e sua miséria.

*(Lavinas, 1996) “A ausência de uma compreensão clara deste fenômeno não impediu que alguns partidos políticos e o próprio movimento de mulheres venham apontando a necessidade de se priorizar o combate à pobreza feminina com especial atenção para as mulheres negras chefes de família e mães solteiras que pelo seu alto grau de vulnerabilidade e deveriam ser privilegiadas pelos programas de geração de renda, emprego e formação profissional. [...] Existe um reconhecimento tácito de que sua situação e precaríssima com base grosso modo em dois parâmetros: [...] 2 – A sobreposição maternidade/ maternagem ao longo da vida das mulheres cercea seu acesso ao mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens o que evidentemente vai ter um impacto muito mais prejudicial e amplamente restritivo sobre aquelas que devem fazer face sozinhas sem nada compartilhar ao custo das funções de mulheres chefes de família e mães solteiras”*

**Considerações finais:**

A respeito de todos os argumentos apresentados ao longo desse artigo pode-se concluir que mulheres com insegurança financeira enfrentam maiores dificuldades para adentrar ao mercado de trabalho e se estabilizarem nele. Tendo em vista que tiveram acesso a baixa escolaridade e nenhum preparo para qualificação. Trazendo consequências como baixo nível técnico, situações de muita fome e miséria, baixas condições pare manter seus filhos e complicada situação financeira, fazendo com que um ciclo de pobreza se repita futuramente.

**Referências Bibliográficas:**

SÍTESE DE INDICADORES SOCIAIS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados> . Acesso em: 26 set. 2022.

INDICADORES SOCIAIS DAS MULHERES NO BRASIL. Educa IBGE. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html> . Acesso em: 27 set. 2022

FOUNTOURA, Natália de Oliveira; GONZALEZ, Roberto Henrique Sieczkowski. *Aumento da participação de mulheres no mercado de trabalho: mudança ou reprodução da desigualdade?.* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), p. 21-26, nov. 2009. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4056> . Acesso em: 23 nov. 2022.

LAVINAS, Lena. *As mulheres no universo da pobreza: O caso brasileiro.* Estudos Feministas. Rio de Janeiro, p.1-16. 2º semestre, 1996.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosângela Cardoso. *A evolução da mulher no mercado de trabalho*. E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2238-8605, Ano 2, número 2, agosto de 2013. P. 1-32. Disponível em: <http://e-faceq.blogspot.com.br/> . Acesso em: 23 nov. 2022.

A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO. RH Portal. FRAGOSO, Carolina. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evoluo-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/> . Acesso em: 23 nov. 2022

MORAIS, Carolina Stack; DIEMER, Cristina Kunzler. *Força feminina: o papel das mulheres na segunda guerra mundial e a redefinição da mulher na sociedade.* Salão do Conhecimento UNIJUÍ 2020, p. 1-4. Disponível em: [https://publicacoeseventos.unijui.edu.br › view](https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18314/17048#:~:text=A%20participa%C3%A7%C3%A3o%20da%20for%C3%A7a%20feminina,mensagens%20secretas%20na%20Gr%C3%A3%2DBretanha.) . Acesso em: 23 nov. 2022.

5 MULHERES QUE LUTARAM CONTRA O NAZISMO. Notícias Concursos. ARAÚJO, Wlianna. Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/5-mulheres-que-lutaram-contra-o-nazismo/> . Acesso em: 23 nov. 2022.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência.* São Paulo: Expressão Popular, 2021, 304p. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Classe-operaria-tem-dois-sexos.pdf> . Acesso em: 23 nov. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada.* São Paulo: Francisco Alves, 1960

ÁVILA, Rebeca Contrera e PONTES, Écio Antônio. *A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos.* Revista Estudos Feministas. 2012, v. 20, n. 3 [Acessado 23 Novembro 2022] , pp. 809-832. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300011> Epub 12 Dez 2012.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Classe social e desigualdade de gênero no Brasil.* Dados. 2008, v. 51, n. 2 [Acessado 23 Novembro 2022] , pp. 353-402. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582008000200005> Epub 22 Ago 2008.

MULHERES, NEGROS E PESSOAS COM POUCA INSTRUÇÃO SÃO MAIORIA ENTRE OS POBRES. Gazeta do Povo. TRISOTTO, Fernanda. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/quem-sao-os-pobres-no-brasil-sexo-cor-instrucao/> . Acesso em: 23 nov. 2022

GAZZOLA, Tranquillo; AZAMBUJA, Maria Lúcia Franco. *A mulher e o processo produtivo.* Publicatio UEPG. P. 1-19. V.8 n. 1, dez. 2008 Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/9> . Acessado em: 23 nov. 2022

EX-EMPREGADA DOMÉSTICA LANÇA CAMPANHA NAS REDES SOCIAIS PARA DENUNCIAR ABUSOS DE PATRÕES. BBC Brasil, 2016. BARRUCHO, Luis. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-36857963> . Acessado em: 23 nov. 2022.

BRASIL TEM MAIS DE 20 MILHÕES DE MÃES SOLTEIRAS. CNM - Confederação Nacional de Municípios. Rádio. Disponível em: <https://www.cnm.org.br/index.php/comunicacao/radio_item/segundo-pesquisa-brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras> . Acesso em: 23 nov. 2022.

1. Esse artigo é fruto de pesquisas escolares em proposta final do Itinerário de Ciências Humanas e Linguagens do Novo Ensino Médio Marista Águas Claras, no qual foi produzido e orientado com o apoio dos professores Vinícius Machado Cursino e Duanny Woiciechowski Batista Gumesson. [↑](#footnote-ref-9617)
2. Autora/Estudante do colégio Marista Águas Claras [↑](#footnote-ref-2390)
3. Autora/Estudante do colégio Marista Águas CLaras [↑](#footnote-ref-13078)